

A arte do século XX – entre a perspectiva e o detalhe por Raquel Henriques da Silva



Rui Sanches, *Madame Récamier*, Segundo David, 1989. Coleção da Caixa Geral de Depósitos. Fotografia: Laura Castro Caldas / Paulo Cintra

que se avolumaram ao longo do século XIX, os artistas iniciaram, por volta de 1900, uma ruptura irreversível em relação às heranças recebidas do passado. Contestaram o valor da aprendizagem (muitos dos mais famosos raramente frequentaram as Escolas de Belas-Artes) ou seja, os exercícios de cópia e os seus procedimentos técnicos, os conceitos de belo e de conveniência, as expectativas dos encomendares e do gosto comum e, muito rapidamente, os campos determinados das diferentes disciplinas artísticas que permitiam distinguir, com segurança, a pintura, a escultura, o desenho e a ornamentação.

Estas questões serão abordadas, primeiro em perspectiva geral, depois em alguns enfoques e detalhes que, mais do que as narrativas da história da arte, visarão o confronto aberto com a extraordinária diversidade de objectos e situações artísticas.

31 de Março

Obras-primas da Coleção da Caixa Geral de Depósitos

- A Coleção da Caixa Geral de Depósitos. Breve reflexão sobre coleccionar e coleccionar arte contemporânea.
- A arte portuguesa dos anos de 1960 à contemporaneidade: os 'novos realismos' e a questionação das formas tradicionais de arte; a importância do conceptualismo, da *performance* e da instalação; a diversidade de opções estéticas e artísticas; a fotografia como arte maior.

Raquel Henriques da Silva é professora de História da Arte e Museologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi directora do Museu do Chiado – Museu Nacional de Arte Contemporânea (1993-97) e do Instituto Português de Museus (1997-2002).

10 de Março Grandes rupturas (1900-1920)

17 de Março Alargamentos territoriais (1960-70)

24 de Março Metáforas e citações

31 de Março Obras-primas da Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Existe, na arte do nosso século, mais do que na dos antecedentes, alguns momentos decisivos. Sob este aspecto, o nosso século tem afinidades com o século XV. Assim, em certos momen-

tos, objectos extraordinários marcaram pontos decisivos, 'pontos de não retorno'. Houve momentos em que as perguntas foram formuladas e as respostas dadas. Quando estas questões são colocadas de um modo claro, não é possível voltar para trás. As respostas são 'incontornáveis', não é possível torneá-las. Os resultados são irreversíveis.

Pontus Hulten, *Territorium Artis* (cat. de exposição), Bonn, Verlag, 1992.

A epígrafe que escolhi para apresentação de uma série de quatro conferências dedicadas à arte contemporânea (que, no início do século XXI, restrinjo, prudentemente, ao século XX) salienta o seu traço distintivo: acelerando acontecimentos

QUINTAS-FEIRAS 10, 17, 24, 31 DE MARÇO DE 2011 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO